



PROFESSORES(AS) E ALUNOS(AS): A EXPERIÊNCIA DA NARRATIVA DE SI E O OLHAR PARA O OUTRO

Sandra Mara Vieira Oliveira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: svsandramara@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em cada tempo histórico, tendo como referência o recorte temporal da Idade Moderna até a contemporaneidade, se levantaram pensadores que produziram ideias no campo da teoria educacional sobre um tipo de homem para uma determinada sociedade. Estas teorias contribuíram direta ou indiretamente para se pensar um modelo de homem que atenderia à sociedade de cada época, e também influenciaram no processo de construção da sociedade hodierna. O lócus onde se materializaria estes ideais sociais foi principalmente o espaço da escola com o suporte do modelo de instituição familiar em cada época.

No início do século XVII, o homem objetivado por Comenius (2001) era o homem piedoso que devia se preparar na terra para viver no céu. Na segunda metade do século XX, despontou no cenário brasileiro e mundial os escritos e a teoria educacional de Paulo Freire (1996) que vai se embasar numa concepção de homem que só se completa, que só se humaniza na relação com o outro. De Comenius a Freire, três séculos se passaram. Cada pensador, em sua época, idealizou um tipo de homem que atenderia às demandas de seu tempo. Que daria a sua contribuição para o desenvolvimento da sociedade em seu contexto histórico. Muitas teorias foram pensadas, cada uma com peculiaridades inerentes à sua época. Apesar de nem todas terem sido totalmente legitimadas, estas teorias trouxeram inovações sobre como se pensar o homem e a sociedade e de que maneira a Educação poderia contribuir para formar um homem ideal para cada tempo histórico, permanecendo assim o seu legado até a atualidade.

Os seres humanos se formam convivendo, vendo as práticas e as ações do outro. É no contato entre humanos que a personalidade é construída. Se nos formamos assim, olhar para o passado então é ver uma multiplicidade de pessoas que se fizeram retalhos, remendos, pedaços de pano desta colcha que se chama vida. Ao rememorar as experiências que marcaram a nossa trajetória, novos sentidos e novos significados são construídos, novas possibilidades se apresentam no caminhar, porque narramos o

2595



passado com o olhar e a percepção do presente. Gondar (2016) apresenta a seguinte contribuição ao tratar sobre as experiências que são significativas para a memória:

De todas as experiências que nós vivemos no aqui e no agora, selecionamos, como impressões ou lembranças, aquelas que nos afetam em um campo de relações. Todavia o que nos afeta é o que rompe com a mesmidade em que vivemos; a mesmidade não nos impressiona ou nos marca. O que nos afeta é antes um encontro, uma palavra nova, uma experiência singular (GONDAR, 2016, p. 38).

Assim, o objetivo deste trabalho é voltar o olhar para o passado, rever fragmentos da memória e remendá-los como se fosse uma colcha de retalhos pode resultar em novos olhares que possibilitam leituras e (re)leituras de uma existência repleta de significados. Abreu (2016, p. 42), ressalta que “[...] só há memória quando existe a relação com o diferente, ou seja, com aquele que faz estranhar, relativizar, tomar distância, ver de outro modo [...]”, e isto só é possível numa relação de alteridade, quando nos dispomos a sair do nosso mundo, olhar para o outro, compreender as diferenças e caminhar.

Prática nenhuma se sustenta quando o professor se furta da corporeidade do exemplo de colocar-se como autor principal de sua práxis que se afirma no engendramento do que diz e faz, do que faz e diz (FREIRE, 1996). Muitas de suas histórias, porém, são guardadas para si como se pouco ou nada valessem na experiência da docência. O mesmo ocorre em face aos guardados dos alunos, dentre os quais muitos são silenciados e se reservam apenas ao direito de receber o conhecimento transmitido pelo professor. Justifica-se assim esta pesquisa que se apresenta como uma alternativa de aproximação entre os sujeitos sociais que se relacionam diariamente no espaço da sala de aula – aluno e professor –, cujas caminhadas têm sido marcadas por encontros e desencontros, vitórias e frustrações.

METODOLOGIA

Segundo Souza e Mignot (2008, p. 7), as autobiografias e biografias educativas possibilitam conhecer, por meio da elaboração dos textos narrativos, o que se esconde atrás do olhar dos professores “[...] sobre as relações ensino-aprendizagem, sobre a identidade profissional, os ciclos de vida e, por fim, possibilitam entender os sujeitos, os sentidos e situações do/no contexto escolar”. Nesta perspectiva, a pesquisa, por meio

2596



das narrativas autobiográficas, pode propiciar aos sujeitos sociais um novo olhar para a sua existência, um levantar de possibilidades diante do seu percurso formativo e a capacidade de adequação ao novo ou de reconstrução do que se perdeu.

Gondar (2016, p. 24) apresenta a seguinte contribuição sobre o exercício de trazer à memória o que é significativo no ato de narrar: “recordar, nesse caso, não é somente interpretar, no presente, o já vivido; a escolha sobre o que vale ou não ser recordado funciona como um penhor e, como todo penhor, diz respeito ao futuro”. Neste sentido, a experiência deste estudo aponta também para a possibilidade de qualificar o que ainda está por vir, se ancorando no que já foi vivido. A autora também ressalta que “[...] o conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja” (2016, p. 25).

Considerando a importância das relações estabelecidas no campo da Educação, o estudo sobre professores e alunos se apresenta como um campo de análise desafiador. Sob esta ótica, a pesquisa social tem desempenhado um relevante papel no estudo das relações sociais construídas na sala de aula, se materializando principalmente nos diversos tipos de pesquisa qualitativa. Conforme Godoy (1995, p. 21), esta abordagem “[...] ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”.

O espaço escolar se apresenta como um mosaico de realidades que se traduz numa multiplicidade de contextos. À vista disso, este estudo de caso teve as narrativas autobiográficas como principal fonte da coleta de dados com professores e alunos do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães (CMLEM), no município de Itapetinga – BA. A utilização das narrativas como uma prática que recorre às memórias possibilitou a familiaridade do que foi narrado, permitiu a cada professor e aluno se mostrar como eram e qualificou a coleta de dados. Segundo Cunha (1997, p. 192), “[...] se é verdade que o homem é um ser contador de histórias [...], a investigação de caráter quali-narrativo tem tido o mérito de explorar e organizar este potencial humano, produzindo conhecimento sistematizado através dele”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O propósito deste estudo foi analisar as principais influências do percurso de escolarização e formação de professores e alunos do Ensino Médio, oportunizando a

2597



estes atores sociais o conhecimento de si, do outro, trazendo à tona as recordações que guardavam consigo em lugares mais escondidos, recordações que ensinam, geram reflexões e agregam a novas práticas. Esta busca foi instigada pela compreensão de que o docente precisa conhecer mais de si e dos percursos de escolarização de seus alunos, da mesma forma que o discente também precisa ter o conhecimento de si e do professor que tem caminhado com ele. Foi nesta perspectiva que se ancorou este objeto de estudo, trazendo para a realidade da sala de aula a pesquisa por meio da escrita de narrativas autobiográficas, com base na memória social destes sujeitos. O conhecimento do outro nas permanências e rupturas que a vida foi tecendo em suas trajetórias tornou o olhar dos sujeitos da pesquisa mais sensível para as possibilidades que este *conhecer* pode assegurar para o *ser e fazer* docente e discente.

Por meio da pesquisa foi possível verificar que a incompletude do ser é o que move a natureza humana no constante processo de buscas e eternas descobertas. É a força motriz que gera a energia propulsora para esta procura que retroalimenta o desenvolvimento da sociedade. Neste processo de humanização, as influências internas e externas coadunam na busca incessante de construir o eu na relação com o outro, uma vez que ninguém se faz sozinho. Nisto consiste o cerne da educação. Como seres construídos socialmente, parcelas dos outros se impregnaram em nossa formação e assim, na caminhada da vida, nos encharcamos daqueles que passaram por nós, que deixaram suas marcas. Contudo, estar com o outro nem sempre se traduz em uma aproximação pacífica, e este espaço de desassossego se transforma em um terreno propício para se forjar o respeito às diferenças e a formação de uma postura ética, pois é caminhando com o outro nesta relação dialógica que o homem se aperfeiçoa. Conforme salienta Arendt (2007), somos seres plurais porque não podemos nos abster da coletividade para nos fazer, e somos singulares porque temos características próprias que só pertencem a nós, e neste paradoxo a vida se materializa tanto na ação como no discurso.

Na experiência da leitura e escuta das narrativas dos sujeitos colaboradores desta pesquisa, foi possível verificar a necessidade cada vez maior de humanização das relações pedagógicas que se materializavam nos espaços de coabitação do professor e do aluno. À vista disso, este estudo buscou qualificar o olhar dos sujeitos colaboradores desta pesquisa, no sentido de prover tempos e espaços de reflexão, tanto para a escrita de si como para o compartilhamento destas narrativas, e assim fazer a diferença para um caminhar mais humanizado. Ao se permitir olhar para si e para o outro, abriram-se



possibilidades de caminhos para a formação de um ser humano que se compreende como sujeito inserido em um coletivo, com direito à palavra e ao discurso; que sabe ouvir e respeita a posição do outro; que possui consciência do lugar onde se encontra e cuja trajetória de vida se constrói nas parcerias.

CONCLUSÃO

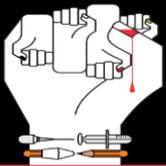
A experiência da pesquisa autobiográfica com professores e alunos foi singular e motivadora, pois a narratividade possibilitou a materialidade da escrita de si. Este olhar para si em narrativas equivale a fazer valer os fios de fragmentos humanos que elevam e melhoram sua condição de ser. Melhorar a si equivale a melhorar a condição de muitos no interior dos espaços de formação. O percurso efetivado suscitou possibilidades de ampliação desta práxis no sentido de permitir que outros sujeitos sociais que constroem cotidianamente o espaço da escola possam colaborar futuramente com esta modalidade de investigação. Desta maneira, verificamos a necessidade de novas pesquisas a serem desenvolvidas neste campo, com o objetivo de atender à amplitude das questões que envolvem o cotidiano escolar e, ao lado disso, os falares em narrativas de docentes e discentes que estão a guardar suas experiências por anos a fio perdendo oportunidades de contribuírem com suas histórias, seus erros, seus acertos, seus limites e possibilidades.

2599

PALAVRAS-CHAVE: Aluno. Professor. Narrativas de si.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina. Memória Social: itinerários poéticos-conceituais. *In*: DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco R. de; GONDAR, Jô (orgs.). Por que memória social? **Revista Morpheus**: estudos interdisciplinares em Memória Social: edição especial, v. 9, n. 15, Rio de Janeiro: Híbrida, 2016, p. 41-66.
- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- CUNHA, M. I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, 23(1-2). São Paulo: FE/USP, 1997. Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br/conteme_agora.asp. Acesso em: 06 out. 2014
- COMENIUS. **Didática Magna**. Tradução Ivone Castillo Benedetti. 4ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.



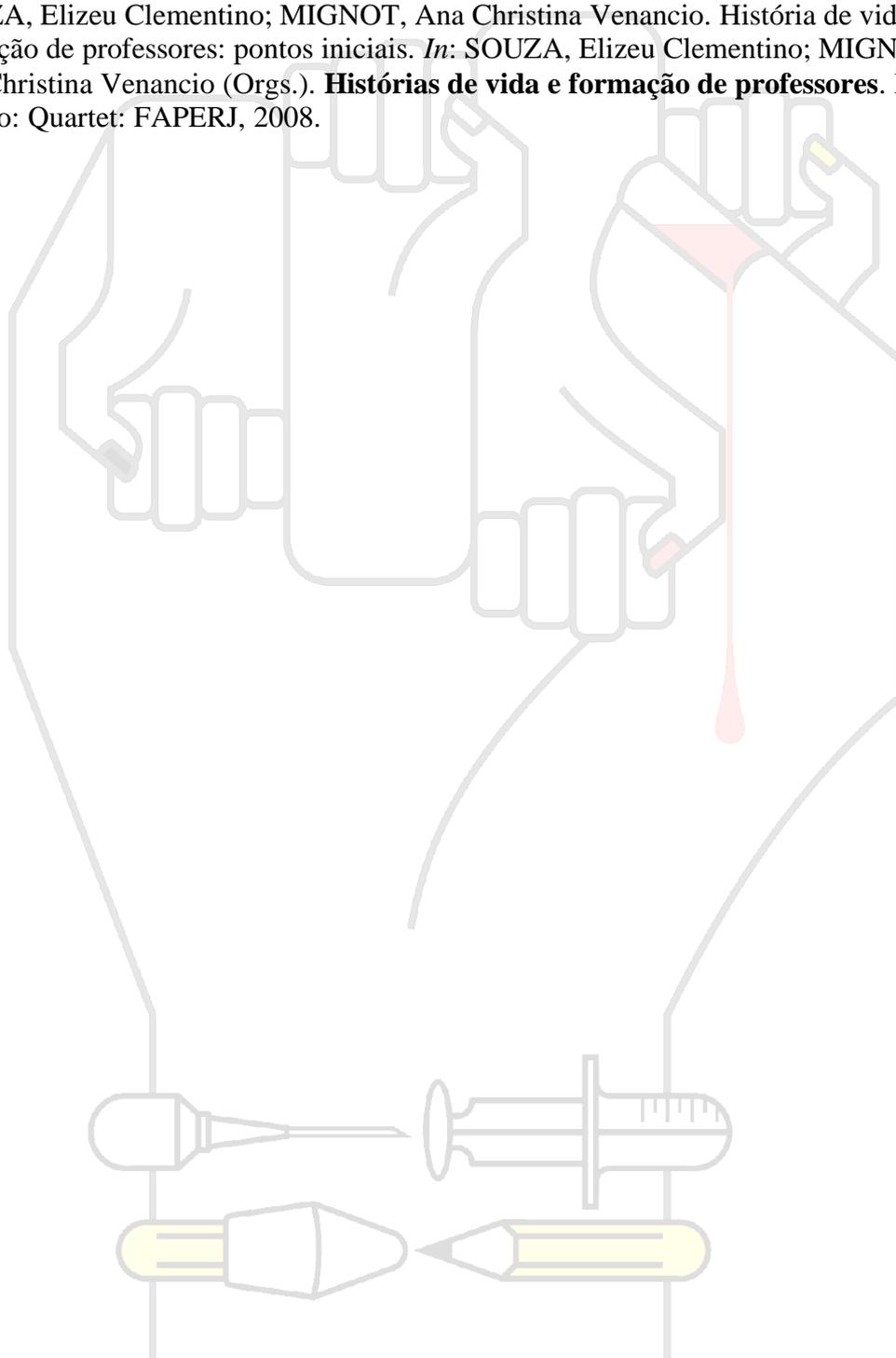
FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. In: DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco R. de; GONDAR, Jô (orgs.). Por que memória social? **Revista Morpheus**: estudos interdisciplinares em Memória Social: edição especial, v. 9, n. 15, Rio de Janeiro: Híbrida, 2016, p. 19-40.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas São Paulo**, v. 35, n.3, p. 20-29 Mai./Jun. 1995.

SOUZA, Elizeu Clementino; MIGNOT, Ana Christina Venancio. História de vida e formação de professores: pontos iniciais. In: SOUZA, Elizeu Clementino; MIGNOT, Ana Christina Venancio (Orgs.). **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

2600



Realização:



Apoio:

